

“A Sagração de Urubutsin. Ensaio sobre um discurso da carniça”

“The Rite of Urubutsin. Essay on a Discourse of Carnage.”

(This pdf version contains no images. For the original article go to
<http://www.calstatela.edu/misc/karpa/Karpa7b/Site%20Folder/sara1.html>)

Sara Panamby Rosa da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Instituto de Artes

Resumo: O texto trata da performance A Sagração de Urubutsin (The Rite of Urubutsin), apresentada como defesa de mestrado da pesquisa Corpólite (PPGARTES-UERJ, 2013) que parte do discurso de onde a fisicalidade e experiência informe do corpo que atravessa camadas, dos rituais de passagem às políticas urbanas, cria complexidades e zonas desestabilizantes que revelam saberes via percepção e sentidos através da experiência poética em carne-viva. Partindo da perspectiva das modificações corporais no contexto das transformações extremas (como tatuagens, piercings, escarificação, implantes e suspensão corporal) o trabalho teórico traçou um percurso errático acerca das práticas de corpo que borram fronteiras, abrem fissuras e desviam, criando novos caminhos poéticos, novos jogos de significação. Assim, a defesa verbal deu lugar ao discurso da experiência. Baseando-se numa escrita poética e biográfica, o texto procura descrever o processo de criação da performance e suas reverberações.

Palavras-chave: *A Sagração de Urubutsin* – performance art no Brasil – Poética do corpo.

Abstract: This text deals with the performance piece A Sagração de Urubutsin, and was presented as final defense requirement for the Corpólite research M.A. at University of the State of Rio de Janeiro in 2013. It explores a discourse where physicality, the amorphous experience of the body across various levels, and the passage rituals of urban politics, create complexities and instability zones. These reveal forms of knowledge through perception and the senses in the context of poetic experience in raw flesh. Taking as starting point body modification in the context of extreme transformation (e.g. tattooing, piercing, scarification, implants, and body suspension), this theoretical piece lays out an erratic course related to body practices that erase borders, cause ruptures, and create new poetic pathways, and new ways of playing with meaning. Thus, the verbal defense gives birth to the discourse of experience. By finding a foothold on poetic and biographical experience, this text aims at describing the creative process of the performance piece and its reverberations.

Keywords: *A Sagração de Urubutsin* – performance art in Brazil – poetics of the body.

NO COMEÇO HAVIA CAOS

Transbordar: as agulhas, os tecidos, os sangues. Sudário sujo de sangue catarro suor saliva. No ato de atravessar, pele e pano tecem histórias, narrativas, discursos consanguíneos. Pano de algodão preso no bastidor redondo. Sacola de linhas coloridas, agulhas no cesto de flores de papel. Histórias do sertão, da vizinhança, das saúdes, das saudades, dos silêncios. Silêncios agudos marcaram o processo. Entre os momentos de

inércia e de caos criativo se fez uma escrita desviante, delirante, que levou a investigação artística e filosófica a horizontes de paisagens oníricas, às vezes indizíveis.

Durante o processo de imersão em busca de uma linguagem performativa na construção de minha pesquisa de mestrado *O Corpo-Limite* (pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PPGARTES-UERJ, 2013, orientada pelo prof. Aldo Victorio Filho, durante os anos de 2011 e 2012) foi gestada a performance A Sagração de Urubutsin, apresentada como conclusão durante a banca de defesa. No cruzamento de linhas de força e afetos – filosofia, autobiografia, performance, experiência – a performance foi apresentada na urgência de um grito final e como parte compositiva da potência discursiva criada no processo de pesquisa. Assim, inicio este ensaio descritivo a partir do processo de escrita da dissertação à qual o discurso da performance se refere.

Mas antes de haver texto minha avó paterna morreu. Durante o processo seletivo para a pós-graduação acompanhei o definhamento de Rita Maria da Silva e no dia 03 de janeiro de 2011 veei seu corpo e a enterrei em um cortejo de retirantes nordestinos na periferia da zona sul da cidade de São Paulo. A visceralização das raízes familiares, matriarcais mais especificamente, me desestabilizaram de modo que o processo de entrada no mestrado foi acompanhado de um sentimento de desprendimento, de dissolução, diante da morte e da mudança de estado, de São Paulo para o Rio de Janeiro. O processamento destas experiências determinou muito do que se desenvolveu durante a pesquisa e performance.

A dissertação foi apresentada como um trabalho imagético-textual que procurou evidenciar o discurso das materialidades, bem como a materialidade do discurso escrito, através da utilização de uma cadência poética das palavras e de imagens geradas no percurso. A ideia de *corpolimite* surgiu durante meu processo de pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O contato imersivo com a Performance durante a graduação em Comunicação e Artes do Corpo, me levaram à experimentação radical do corpo que pesquisa, do corpo que performa, do corpo que vive. Através da suspensão corporal levei ao extremo o desejo de me deflorar, me induzir ao transe pelo choque, pela reorientação de meu eixo gravitacional. Em 2009, em parceria com o artista Filipe Espindola, realizei a performance-ritual *Meu Corpo é Meu Protesto*, como metodologia de pesquisa para minha monografia de conclusão de curso e desejo/necessidade de sentir o corpo por outra perspectiva. Adotar tal metodologia foi o que realmente impulsionou e dinamitou questões sobre atravessamento, potências e fractais corporais. Entre o limite do *se – se* a pele rasgar, *se* eu cair, *se* eu não aguentar – e ondas de prazer. Entre ser leve e pesar, entre atração e repulsa, entre, entre, entre... Entre muitas coisas as quais não sei ou não quero nomear, ou não precisam ser nomeadas, este campo de porosidade é o lugar e o próprio *corpolimite* que aqui me proponho a discutir; a *insustentável leveza do ser* de Milan Kundera. Entretanto não é um termo ou um conceito que se pretende classificatório de práticas ou registros corporais, mas uma sugestão do atrito corpo-a-corpo que pode *trans-tornar*, a *autopoiesis* dos corpos indisciplinados, um pretexto para uma autobiografia ficcionalizada. Não é um estudo linear, nem objetivo. É uma anatomia subjetiva, uma dissecação filosófica de meu corpo (modificado, ritualizado, performático, monstruoso), em relação e conectado a outros

corpos, principal objeto-carne de investigação deste estudo. Um discurso esburacado, erotizado, entremeado em líquidos, viscosidades e sujeira; é um discurso sujo, pois trata de resíduos e do que se deve jogar fora, segundo um padrão homogeneizado de normalidade, de produtividade e eficiência. O corpolimite é a beira de um precipício, é perder a virgindade, devanear sobre a liseria das coisas ordinárias e vulgares, um “*nascemorrenasce*” como em Haroldo de Campos. Uma tentativa de desapego à moral e à legalidade. É um protesto aos grandes cárceres do corpo, é uma recusa ao corpo pré-fabricado, industrializado, pasteurizado, colonizado. E para isso devo me expor, me despir, estar pelada e me desconstruir, duvidar de minhas verdades e me reconhecer na precariedade. Ainda: a consciência de que ao desconstruir proponho uma nova construção, prestes a ser dinamitada. Mais do que defender um ponto de vista a ideia é *causar alguma coisa*, em seu mais amplo sentido.

A estrutura óssea da costura de histórias parte da ideia de uma investigação por perfuração, penetração e transbordamento. O olhar que lê e penetra nos orifícios-capítulos da dissertação se suja e se lubrifica com as viscosidades presentes e também é penetrado. Assim, decidi adotar uma nomenclatura baseada em buracos e cavidades do corpo; uma (des)estrutura corporal imersiva de construção de texto em lugar da descrição científica e objetiva.

Outra radicalização necessária foi em relação ao título. Inicialmente intitulada *O Corpo-Limite* determinando e circunscrevendo a unidade em torno da ideia ao utilizar o artigo “o”, além de delimitar uma fronteira muito clara e marcada entre corpo e limite através do hífen. Uma vez que a proposta faz uma abordagem difusa, de pensar a partir das multiplicidades não fazia mais sentido manter este sistema uma vez que a gramática resolvida era outra, enviesada. Portanto censurei-os e renomeei *Corpolimite* ampliando o que pode ser “o corpo” agora é “um corpo” qualquer um, muitos, todos, nenhum. Mais do que pensar o que cabe dentro da palavra ou buscar encaixa-la nas coisas vividas, o objetivo é experimentar as possibilidades que traz a ideia de corpolimite, o que reverbera e o que a faz gerar.

Neste trabalho há a presença insistente de imagens como discurso: fotografias, interferências, colagens, textos manuscritos, desenhos malfeitos. A narrativa poética e caótica das visualidades trata daquilo que o discurso linear não dá conta; são os indizíveis que vêm dizer o que.

O VOO

Na conclusão um despacho, o ruído das imagens que fazem faltar o ar na transgressão das rigidezes. O ritual acadêmico feito em minha casa-ateliê, no qual abri mão da defesa pelas palavras e realizei a performance *A Sagração de Urubutsin*, revelou outros processos de entendimento do corpo e dos lugares que este ocupa. Fiquei indefesa, fui corpo frágil no signo de resistências ancestrais a mim, causei incômodo, derretimento, finalizando um discurso visual construído conjuntamente com o textual: corpo escrito, corpo descrito, corpo inscrito.

Nas memórias das mortas, as lembranças fugidias, tornadas vivas pelo pulsar: de um povo, um corpo, um pássaro, devir... A partir da pesquisa com perfurações corporais, sangrar como ato pictórico, escriturístico, de sobrevivência, *A Sagração de Urubutsin* investiu no campo sensível da radicalidade das ações impressas e marcadas por penetrações e porosidades. No âmbito de um “teatro da crueldade”, como propôs Antonin Artaud, a potência poética do trabalho reside nas visceralidades, no transbordamento de zonas ocultas, através da recriação da imagem mítica de Urubutsin presente nas cosmogonias das tribos indígenas xinguanas: o Urubu Rei que traz a sabedoria do fogo, da noite e do dia. Conta ainda com um cruzamento de tramas a partir de fragmentos de histórias familiares, de referências autobiográficas que compõe as imagens vivas e o som, evocando uma experiência ritual.

Afetada pela digestão da morte e interessada na figura de Urubutsin, passei a fazer caminhadas periódicas pela floresta da Tijuca nos locais onde habitualmente são assentados trabalhos de umbanda e candomblé à procura dos urubus. Nunca demorava muito e apareciam muitos, dezenas, se alimentavam das comidas dos santos e a cada voo dispensavam algumas de suas penas. Intrigavam-me as expressões corporais, como se movimentavam e se comunicavam, o comportamento do bando, o constante olhar vigilante. Passei a observar e coletar as penas, descobrindo a diversidade de tons do branco ao preto ao vermelho-escuro da carniça, os cheiros, a imensidão do voo largo sem som: urubu não pia, avoa! No litoral sul da Bahia também me encontrei com as aves que se revelavam como uma espécie de Exu, um mensageiro entre mundos, como um elo de ligação entre a vida e a morte. Na lama dos manguezais, nos lixões, nos descampados, nos postes na Baía de Guanabara, na floresta comendo despachos, no alto das árvores secas, era como no ditado popular: “Deus em cima, nós embaixo e os urubus no meio”. Eu os seguia e eles me guiavam.

Bordar e borrar, na borda. No processo de criação tive que prestar atenção aos sonhos e aos delírios com especial cuidado. Da qualificação à defesa, os elementos estéticos, dramáticos e sonoros surgiram gradualmente e foram postos em experimentação. Primeiro, a imagem de uma santa profanada a quem chamei Nossa Senhora de Escarnificina.

Nascida de uma colagem se baseia em um devaneio de uma travesti prostituta que é estuprada por Jesus e seus apóstolos durante a Santa Ceia. Ascendendo aos céus retorna para vingar-se armada com um revólver calibre 38 e menstruando sobre todos. Em seu reino é a santa das estupradas, das prostitutas, das transexuais, dos assassinados, corpos nômades sem lugar. Materializei a santa em colagem no que chamei de *O Livro das Danaides*, livro de artista que compõe grande parte da dissertação de mestrado.

Com penas de urubu na cabeça, coroa de ossos e abridor de boca, experimentei então esta entidade em experimentos performáticos, que sempre me evocavam a uma violência inevitável, instintiva, como a violência do parto. Nasceu então o desejo de investigar por um mito de criação pessoal que desse conta, ao menos naquele momento, de atravessar estas camadas.

Coletei uma série de sons dos arquivos pessoais de família, canções indígenas, imagens, ruídos, interferências. Procurando um lugar de cruzamento entre os discursos autobiográficos, os delírios dos processos de livre-associação, as performances de rua realizadas pela cidade, a pesquisa densa... A poética do trabalho começou a se desenhar, ali mesmo em meio ao pensamento entrópico.

Em minha qualificação elaborei então um primeiro esboço do que seria a *Sagração*. Em uma sala de aula do Instituto de Artes da UERJ apresentei *O Livro das Danaides* e uma ação na qual Filipe Espindola (meu companheiro e parceiro de performances) instalou agulhas com penas de urubu em minha testa e costas. Após a retirada das agulhas o sangue desenhava o rosto em finas linhas vermelhas. Ainda que algo tivesse sido movido com a ação, uma densidade diferente instaurada no ar, faltava calor, algo que fosse capaz de estremecer as vísceras.

Havia a santa, a cidade, os urubus, a morte de minha avó, conceitos filosóficos vividos na carne. E tudo isso era mais outras coisas e era um trabalho acadêmico, uma dissertação de mestrado, mas também uma performance, um ritual de passagem, um trânsito em terreno pantanoso, na lama dos manguezais que decompõem e criam vida no meio das raízes suspensas a respirar. Tudo era muito então precisava transbordar, verter novamente o sangue e me desfazer diante das fragilidades recompondo em outra configuração, empoderada de uma mitologia transitória.

Uma escolha fundamental para que essa zona de convergência fosse possível foi em relação ao espaço de apresentação. O ambiente da universidade era frio, desertizado, e não se conectava com a dramaturgia criada, tanto da performance quanto da própria dissertação. Desde a arquitetura dos prédios da UERJ em blocos quadrados de concreto até questões de viabilidade estrutural, o espaço de sala de aula ou auditório não daria conta das intensidades que seguiriam. Tratando-se de um desnudamento íntimo era preciso trazer a banca para o universo no qual estava imersa, de outro modo não apresentaria a potência do discurso que era urgente dizer. Assim não havia melhor opção do que transferir o evento da universidade para minha casa. Funcionando como casa-ateliê, a chamada Casa 24 (no bairro de Santa Teresa) abrigou mais de cinquenta pessoas durante o exame.

Em uma das salas foi montada uma exposição com quadros, colagens, livro de artista, impressões de sangue (calcografias) e objetos utilizados para suspensão corporal (agulhas e ganchos). Neste mesmo espaço, uma instalação com manequins, pisca-piscas e um crânio de boi no alto. Em frente a esta instalação aconteceu a *Sagração*. No quintal da casa havia uma pequena exibição com vídeos de performances que realizei ao longo da carreira em um antigo televisor.

Nua e tocando um didgeridoo, recebi em meu corpo mais de setenta agulhas com penas de urubu além de quatro perfurações na boca dobrando os lábios, pelas mãos atentas e cuidadosas de Filipe que se transfigurara em uma gueixa de botas pretas de vinil. Em uma tarde absurdamente quente e ensolarada de janeiro, todos suavam, corpos derretendo. No sopro grave do instrumento deixava a dor dissipar-se, tornar-se som e vibração. Toda a

sala reverberava, a casa, os corpos pulsavam juntos. Nos intervalos entre uma respiração e outra havia um momento de suspensão onde era possível cortar o ar e vê-lo dividir-se em dois. Durante cerca de uma hora me tornei o Urubu Rei. Evocava o voo, o grito de sobrevivência, um animal desejante, uma máquina de guerra prestes a entrar em combate, embalada por uma colagem de sons retirados de uma fita K7 de 1986 durante viagem ao Pernambuco com minha avó paterna (Rita Maria) e meu tio (Petronio Tales), editada por mim. As vozes de minha avó e bisavó, os perus grugulejando, meus gritos de criança, estes sons me invadiam como imagens que se chocam contra o corpo e sentia uma ancestralidade desconhecida se manifestar em mim. O corpo explodia.

Na sala apertada a intimidade era quase incômoda, quase desconcertante. Toda respiração era ouvida, todo mexer-se no lugar, a percepção amplificada dos corpos no espaço. As pessoas me penetravam e eu as penetrava em um movimento de alimentação constante nesta zona de indefinição aonde o corpo se desorganiza. Era meu vômito final, a decisão final pelo risco, o último discurso dito em nome das palavras ali, o corpo arremessando para longe o sentido para ser sentido em presença matérica.

Retirei as penas, uma a uma numa dança de desfazimento. Filipe as espetava em um coração de boi dentro de um alguidar e estendeu um tecido branco no chão. Aos poucos o sangue se revelava em pequenos pontos, linhas vermelhas. A cada retirada um suspiro de alguém que se diluía no fio do aço escorregando pela pele. Nas agulhas do rosto, testa e boca, fontes rubras, mornas. Sangue quente viscoso se misturando à saliva, eu virava coisa liquefeita. Eu já morria-nascia de outro jeito, era claro que ali um ritual de passagem se instaurara. Imprimi meu corpo com sangue sobre o tecido deitando sobre ele. Imprimi também a última escrita no Livro das Danaides com a mão ensanguentada. Saí de cena para um choro irrepreensível em posição fetal, e fui amparada por minha mãe, Lúcia Rosa, que assistia a tudo atentamente. Atravessamentos transbordam...

Esta foi minha fala. Lancei-me numa experiência radicalmente corporal para defender-me, defender esta pesquisa que deslimitante permanece em reflexão constante.

Composta por meu orientador prof. Dr. Aldo Victorio Filho (UERJ), pelos avaliadores prof.^a Dr.^a Denise Espírito Santo da Silva (UERJ) e prof. Dr. Antônio Carlos Amorim (Universidade de Campinas - UNICAMP), a resposta da banca veio em tons poéticos e transtornados acompanhada pelos comentários do prof. Dr. Roberto Corrêa dos Santos, prof. Dr. Rodrigo Guéron e prof. Dr.^a Eloisa Brantes, professores do Instituto de Artes da UERJ. Ali recebi o aval da instituição acadêmica, representada pelos professores, de estabelecer um processo insurgente como saber pertinente ao campo das artes.

O POUSO

As imagens em vídeo e foto da apresentação foram amplamente divulgadas na Internet, principalmente via Facebook e Youtube pelo público presente. Correndo por outros territórios, pesquisadoras e pesquisadores inspiraram-se em minha experiência para criar suas próprias zonas de emancipação, bem como descobri tantas outras, criando novas fraturas nas rigidezes estruturais de modo a ampliar o campo de ação do pensamento acadêmico nas artes. Tais processos de ruptura emergem como uma voz polifônica que

busca o reconhecimento dos saberes que vão para além do já instituído, das histórias oficiais, e que encontram na performatividade do corpo que se lança ao jogo discursivo, intensidades e potências de criação.

Continuo na digestão desses registros de imagens em um processo lento de ruminar. Permaneço perseguindo o urubu que logo sou, corro por eles pela praia, coeto suas penas e faço cocares. Como pelo direito a invenção de um povo a sagração é pelo pássaro carniceiro maldito, cruzador de fronteiras.

Referencias bibliográficas

Artaud, Antonin. O Teatro e Seu Duplo. Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo: Max Limonad, 1984 (1964). Print.

Deleuze, Gilles. Francis Bacon e a Lógica da Sensação. Tradução: Roberto Machado (coord.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007 (1981). Print.

-----, Gilles. Crítica e Clínica. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997 (1993). Print.

Derrida, Jacques. O Animal Que Logo Sou (A seguir). Tradução: Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002 (1999). Print

Foucault, Michel. A Ordem do Discurso. Tradução: Graciano Barbachan. Digitalização Coletivo Sabotagem. 2004 (1970). Print.

Silva, Sara Panamby Rosa da. O Corpo-Limite. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, Rio de Janeiro.